

CONSTITUINTE

Mais segurança contra os grupos de pressão

Ave
pog 6

Temendo novos distúrbios nas votações, Ulysses limita o acesso às galerias.

A maior preocupação da Mesa da Constituinte para as próximas semanas é evitar a ocorrência de novos distúrbios durante a votação das polêmicas propostas que serão apresentadas pela Comissão de Sistematização. Para tanto, está prevista a contratação de 100 agentes de segurança e 50 guardas femininas, além da instalação, perto da entrada principal do prédio do Congresso, de uma porta giratória com controle remoto, sistema de travamento automático e detector de metais.

Afinal, a votação do penúltimo fim de semana, marcada por agressões entre os grupos de pressão e tapas entre os parlamentares, deixou impressionado o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, que determinou providências à Mesa e à segurança, devendo convocar uma reunião para discutir o assunto talvez ainda esta semana.

Evitar a pressão das galerias sobre os parlamentares — estima-



se que oito mil pessoas deverão acompanhar as votações finais — com um simples decreto a experiência já confirmou que é impossível. Na votação da emenda das diretas, apesar do regimento proibir a manifestação das galerias, houve de tudo. Mais tenso e arriscado foi o episódio da votação do

relatório da Comissão da Ordem Social, quando muitos canivetes e até armas foram apreendidos.

O 2º vice-presidente da Constituinte, deputado Jorge Arbage (PDS-PA), está encarregado de fazer um projeto para disciplinar o acesso das pessoas e grupos ao Congresso. Por sua proposta, que ainda depende de aprovação da Mesa, só entrará na galeria quem tiver uma senha assinada por Arbage. As senhas serão distribuídas a todos os parlamentares, na proporção dos integrantes de cada bancada. Nas paredes do plenário, haverá enormes cartazes proibindo qualquer barulho ou manifestação, sob pena de expulsão. E o plenário ainda será reformado para dar lugar a autoridades e jornalistas.

Sabe-se, porém, que diversos partidos, inclusive o PCB, estão organizando caravanas nos estados para garantir a aprovação de propostas de seu interesse.

Dando um balanço nos relatórios das Comissões Temáticas e nas emendas que aos milhares chegaram aos relatores desses órgãos setoriais, verificamos que não escapou no rol dos direitos, um só que não fosse objeto de inclusão nos projetos ou de reivindicação dos constituintes.

Mas, ali mesmo, aos olhos de todos, estão as galerias que se dizem construídas para os populares que se arriscam e assistem às monótonas sessões do Legislativo.

A mudança de fisionomia entre a Câmara no Rio de Janeiro e em Brasília, demonstra exatamente a diferença de comportamento não apenas do público que lotava o Palácio Tiradentes na antiga capital da República, mas, muito especialmente dos que conquistam uma cadeira parlamentar e, em consequência, do conjunto na composição do Poder Legislativo.

Perguntaria o carioca como Machado de Assis: — mudou o carnaval ou mudei eu?

O povo, pelo menos, vai mudando tudo, inclusive a linguagem, e construindo corruptelas ou neologismos que vão sendo incorporados ao dicionário. Um deles é para simplificar as galerias, senão para estigmatizá-las com o servilismo que cresce na proporção da inflação. Assim, já não são mais as galerias, mas as galeras, ou, na simplificação ainda mais maliciosa, a galera...

Apesar de tantos direitos incluídos no projeto de Constituição, alguns até mesmo fora de propósito, a galera ficou excluída e pode até entrar nos dispositivos do Regimento Interno do Congresso. A partir do dia 15 de julho os debates da Constituinte, que se processam nas comissões, irão para o plenário.

Toda vez que o povo ameaça ocupar seus lugares nas galerias do Congresso, há um movimento no sen-

Freitas Nobre

Mudou a capital, mas a galera se arrisca.



tido de limitar o número de presenças, de colocar parede isolante de vidro para que os populares apenas ouçam e vejam. Dizem que é para impedir que se manifestem através de aplausos e vaias, estas, sempre, mais comuns que aqueles.

Na presidência do deputado Flávio Márcilio a Mesa chegou a estudar um projeto de enclausuramento das galerias e, mesmo na atual direção da Câmara, anuncia-se mais uma novidade: o deputado Jorge Arbage, 2º secretário da Mesa da Constituinte (PDS-PA), anunciou uma reforma nas galerias do Congresso para os próximos dias, ou seja, antes que os trabalhos constituintes fiquem à vista da galera. Pelo projeto, a reforma prevê a separação de três grupos: autoridades, imprensa e populares. Como não é época eleitoral, estes últimos terão apenas 200 lugares entre os 1.200 de que se compõem as arquibancadas.

Já vimos todos os lugares ocupados por recrutas, com cabeças raspadas, com a idade inicial do serviço militar e um ou dois participantes de meia idade que os comandavam. As vaias ou os aplausos eram dirigidos e hierarquicamente disciplinados. Chegavam muito cedo, antes que os populares realmente interessados no debate aparecessem, e lotavam completamente as galerias, excluindo, assim, a galera...

Outras vezes, eram populares organizados, partidários políticos ou religiosos, ou funcionários de certo setor, previamente avisados ou mobilizados para assistir determinados pronunciamentos, discussões ou votações.

Não foi exceção a presença do então deputado Ayrton Soares nas galerias, convencendo petistas a manterem silêncio; do deputado Roberto Freire, líder do PC, quando ainda no PMDB, subindo às arquibancadas para aconselhar os participantes, ou do então deputado federal Erasmo Dias com sua respeitável voz de comando a serenar os jovens recrutas!

Tudo isso não impediu que papéis e objetos fossem lançados sobre os parlamentares e um braço de cadeira fosse apanhado, estrategicamente, em plenário, pelo cel. Erasmo Dias.

Por certo, antes da reforma que se anuncia, como preliminar para os debates constituintes, sobre a mesa diretora dos trabalhos estarão abertos os dicionários. Pelo menos para esclarecer o que é (Grande Dicionário Lisa, São Paulo, 1976) um "conjunto de espectadores que ocupam as galerias em espetáculos públicos", ou galera que o Dicionário de Antonio de Moraes e Silva, editado em Lisboa, assim ilustra: "Na carta 118 de Vieira (Pe. Antonio Vieira), T. 2, pg. 391, vemos: 'e eu entrando no paço, vi que iam saindo pela galé todos os presidentes e ministros de beijarem a mão a el rei'; se não é erro na impressão, parece aqui significar galéria".

Os constituintes precisam estar atentos à galera, ou seja, ao povo. Distanciar-se dele é perder o senso de equilíbrio que sempre se reforça no mais profundo espírito popular e que se, longe dele, a Carta vai ser apenas um bilhete, mesmo que contenha centenas e centenas de artigos... E que nas participações mais ativas da galera, o eventual dirigente dos trabalhos não repita, como tantas vezes ocorreu: "Vou mandar evacua-las..."